

JORNAL DE ESPINHO

Director: Dr. Alfredo Temudo Côte Real

SEMANARIO REGIONALISTA
PROPRIEDADE DE ANTONIO MOREIRA DA COSTA

Editor: Antonio Moreira da Costa

ANO I N.º 5	ASSINATURAS ANUAIS: Continente e Ilhas 20\$00 Colónias 30\$00 Estrangeiro 40\$00 PAGAMENTO ADEANTADO	ESPINHO, 16 de Novembro de 1930	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua 10, 813-ESPINHO COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA MOREIRA - ESPINHO	NUMERO AVULSO \$50
----------------	---	---------------------------------	---	-----------------------

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA EM AVEIRO

AUENÇA

CONVITE

Passagem de Sua Excelencia o Presidente da Republica e Membros do Governo em Espinho

Devendo chegar hoje a Espinho pelas 13,50, em comboio especial Sua Excelencia o Presidente da Republica acompanhado de alguns Membros do Governo, partindo em seguida para Oliveira de Azemeis, a Comissão Administrativa da Camara Municipal de Espinho, tem a honra de convidar todos os seus Manteipes a comparecer aquella hora na Estação do Caminho de Ferro afim de prestar as suas homenagens a Suas Excelencias, mostrando assim

que o Povo de Espinho, sabe receber com a galhardia pro suas altas qualidades civicas a figura mais prestigiosa da e do Exercicio.

Espinho, 16 de Novembro de 1930.

O Presidente da Comissão Administrativa:

Antonio Pinto das Neves Ferreira

O **Jornal de Espinho** aproveitando o ensejo que a passagem por Espinho, do Ex.mo Senhor Presidente da Republica lhe oferece, e interpretando a satisfação do nosso Concelho por tão feliz oportunidade, em nome de um Po.º agradecido e que, portanto, jamais esquece o acto de Justiça que a actual Situação lhe prestou, alargando os limites das suas fronteiras, apresenta a S. Ex.a as suas mais expressivas saudações.

Pioneiro dessa Ideia, nascida da necessidade de expandir as possibilidades de um Povo de reconhecido espirito progressivo como é o nosso, foi o saudoso filho desta terra, Dr. José Salvador, a cuja sagrada Memoria prestamos a mais sentida homenagem.

Apresentada ao Governo da Ditadura, reconhecida a essencia de absoluta Justiça que a tinham creado, o Dr. José Salvador cobriu-se de gloria e o Governo aumentou o seu já bem firmado activo de moral prestigio.



Era Ministro do Interior, então, S. Ex.º o Snr. Almirante Jaime Afreixo, nome q Povo de Espinho não pronuncia sem lhe ciar o mais profundo sentimento de gratidã

Presidia aos destinos da ... S. Ex.º o Snr. General Oscar Fragos

S. Ex.ª, que, em visita Pre Oliveira de Azemeis, passa pela nos vai receber as saudações do nosso Povo

Gente da beira-mar, franca e leal, cada sobre o Oceano que encheu de g Patria Lusitana, habituada a olhar cla frente, vai manifestar a S. Ex.ª, na za das suas expressões, a gratidã soalmente, tão tardiamente lhe po tar,—pois já em tempo lha teria te do, se elementos de nefasta acção não tiv sem impedido o reconhecimento duma divid que o Povo, no seu mais eloquente significado, exuberantemente já tinha desejado manifestar.

A S. Ex.ª, as saudações do Povo de Espinho!

Liga dos Combatentes da Grande Guerra Delegação em Espinho

em Espinho de visita a Oliveira Excelencia o Presidente da Repu-bros do Governo, esta Delega- seus associados a comparecer ho C. P. pelas 13,50, afim de larte da Delegação e saudar

Pelo Presidente

Alfredo Figueiredo

Secretario

JORNAL DE ESPINHO

Para que a recepção a Suas Excelencias o Presidente da Republica e Membros do Governo, se revista da imponencia necessaria, a Direcção e Redacção do Jornal de Espinho, acompanhando a Ex.ma Camara Municipal, convida o Povo de Espinho a comparecer na estação do Caminho de Ferro da C. P. pelas 13,50 de hoje.

Associação Comercial e Industrial de Espinho

Ex.mo Snr.

Devendo chegar, hoje a Espinho pelas 13,50 em comboio especial, Sua Excelencia o Snr. Presidente da Republica acompanhado de alguns Ex mos Srs. Ministros, a Direcção solicita a ce de V. Ex.a na gare do Caminho de Fe hora, (fazendo-se mesmo acompanhad de familia), afim de apresentar-mos a as nossas saudações.

Espinho, 14 de Novembro de 1930

O Presidente da Direcção

Vicente Aboec Monteiro

ORIENTAÇÃO

No nosso primeiro numero definimos a attitude deste jornal, da qual não pretendemos, nem pretendemos desviar-nos. Só se disse que o seu character regionalista, trazia como consequencia o supremo interesse de Espinho, o progresso de Espinho, enfim a politica de tudo quanto interesse a Espinho.

Não sabemos qual a interpretação que os outros deram a esta doutrina, que hoje se impõe a todos os povos de são e raciocínio e a todos aqueles em que o interesse social e o interesse pessoal, isolado, do individuo.

porém, é que seguindo essa orientação, visto que não se enfeudados a qualquer Senhor, como unicamente se enfeudados, temos vindo no nosso jornal fazendo a justiça da terra, a qual se deve entender hoje, e conforme a entendemos. Não se deve acobardar com a palavra de ninguém? E' facto, mas pela simples razão de que esses que merecem a nossa critica, que são alvo das acusações, teem praticado actos nefastos ao engrandecimento desta terra.

Espinho de hoje já não é aquele de há 10 anos, em que se via um caixeiro, com meia duzia de adjectivos e o sistema de trabalho na cabeça, arengava na loja ás turbas, e se encontrava a acolitar o patrão em quantas bandalheiras, ou actos de insolita esperteza ele se imiscuisse.

A civilização fez em Espinho nestes ultimos anos o que em outros se não tem feito em outras terras. Acabou a preponderancia individual de quem, sem competencia, pretendia servir os seus interesses proprios e particulares á custa dos alheios e a sua influencia predominará nesta terra todo aquele que por a luta, que lhe prescrevem benefícios e que ao seu lado tenha, e assim o merecer, a pleiade imparcial daqueles que não vivem acorrentados. A falta de habilitação por haver quem dessasomente tem attitudes tais, de abnegação e desinteresse, e causará ainda cada vez mais, o pasmo daqueles, que á propria intelligencia perguntaram a razão do seu

que nos tenha encontrado em compromissos de orientação? Certamente que não. Erradamente se regionalismo era sinonimo de passividade. E então se castigava o delinquente, não se premiava a virtude.

Reduziam o jornal á leitura elegante, onde controlavamos os anniversarios dos nossos conterraneos! Puro engano. Não de ouvir-nos todos aqueles a quem julgamos necessario falar-lhes. Nem vituperios, nem louvações. Mas sim o premio para uns e o castigo para outros, conforme assim o merecerem, pelo bem, pelo Progresso de Espinho.

O Nosso Suplemento

AGRADECIMENTO

Em face das felicitações que recebemos a proposito do suplemento que publicamos, não podendo agradecer individualmente a cada uma das pessoas que se nos dirigiu louvando-nos pela va que tivemos em prol da defeza da nossa terra, e do obtido, fazemo-lo por intermedio do nosso jornal, e agora se sente bem compensado, pela attitude que

A todos, pois, os nossos agradecimentos e a promessa de que o nosso jornal se manterá sempre dentro do caminho que traçou: o Regionalismo.

Cronica da Semana

Republica Brasileira

Comemorou ontem, o Brasil, o seu 41.º anniversario da implantação da Republica.

Em 15 de Novembro de 1889, uma revolução victoriosa destronou o erudito Imperador D. Pedro II, e, desde então, o regime republicano, sob o qual floresce o mais poderoso estado da America do Sul, tem elevado o País á sua ente posição que occupa no concerto mundial das Nações.

Terra a que nos ligam as maiores afinidades, o mais entranhado affecto e a mais viva simpatia, colonizado, por nós, desde o século XVI, o espirito portuguez ficou ali tão profundamente vincado, que, hoje, o Povo brasileiro representa o desdobramento da Raça lusiada, com todas as suas virtudes e todos os seus heroismos.

E', sempre, com a maior satisfação, que olhamos a manifestações de vitalidade e de progresso de que o Brasil está dando continuas provas, quer na sua vida interior, quer da forma altiva, sem sobranceira, com que se impõe ao estrangeiro, tão certo é que as glórias da Terra de Santa Cruz se reflectem directamente nesta occidental praia lusitana.

A implantação da Republica tornou realidade a aspiração de um povo ansioso de liberdade; e, como, na concepção e na preservação que o levou a consecução do seu anseio, se manifestaram, prodigamente, sentimentos de tenacidade, de audacia e de espirito de sacrificio — tão comuns entre nós — é-nos particularmente grato registrar a data que o Brasil entusiasmadamente festeja.

João do Norte.

Casa de Saude de Espinho

No passado dia 9 foi operada na Casa de Saude de Espinho a Ex.^{ma} Sr.^a D. Izaura d'Albergaria Machado Oliveira Abreu, esposa do nosso amigo Sr. Antonio Abreu e sobrinha do nosso querido colega de redacção Sr. Alfredo d'Albergaria.

A operação que constou de uma intervenção cirurgica de hysterectomia total, decorreu com muita felicidade, tendo sido operadores o illustre cirurgião Sr. Dr. Bissaia Barreto e os Snrs. Dr. Gomes de Almeida e Dr. Ferreira Pinto.

Congratulamo-nos com o resultado obtido, e não nos furtamos a registrar, antes com a maior satisfação o fazemos, as justas felicitações a que tem jus a Casa de Saude de Espinho pelos brilhantes resultados que tem obtido desde a sua fundação, resultados que sinceramente desejamos se accentuem demais em mais, pois neles se reflecte, necessariamente, o desenvolvimento da nossa terra.

—Na mesma Casa de Saude, com feliz resultado, deu á luz uma interessante menina a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Delfina Novaes de Moraes, esposa do nosso amigo Ex.^{mo} Sr. João Moraes, Consul de Portugal em Barcelona.

Mãe e filha encontram-se bem.

POR ESPINHO

Quando no nosso ultimo numero, anunciamos que iam guardar silencio, por algum tempo, no assunto que vinhamos tratando — a escandalosa venda dos terrenos á beira-mar — não supunhamos que já hoje teriamos de voltar novamente ao assumpto, embora com uma satisfação que nos enche de orgulho.

No primeiro numero do nosso jornal, quando os nossos pressados leitores deixaram correr os olhos por sobre a massuda prosa que historiou o escandaloso favoritismo da Camara demitida creio bem que esboçaram um sorriso de incredulidade, e quiçá algum mau pensamento, attribuindo-nos, talvez, intenções de sermos menos verdadeiros.

Estamos, porém, certos de que, depois de lerem o nosso suplemento ao numero 4 deveriam ter ficado edificadas da veracidade das nossas afirmações, porque, felizmente para Espinho, a justiça que castiga os que prevaricam á sombra de cargos que publicamente exercem ou dos que sabem valer-se das suas influencias, começa a fazer-se sentir.

Nunca é demais frizar, que a actual situação se fez para lavar o paiz de uma série de immoralidades que se vinham cometendo. e que não só nas grandes capitais como nas pequenas vilas e aldeias essa lavagem se faz sentir.

Espinho, centro comercial e industrial, centro de Turismo de grande futuro, não podia nunca estar á mercê de qualquer que, sem olhar a meios procura engrandecer-se, calcando aos pés os sagrados interesses de uma terra, atrofiando-a, prejudicando-a, fomentando até pretensas alterações de ordem, para evitar a visita dos que, actualmente presidem aos destinos do paiz, inutilizando assim o traço de união que deve existir entre dirigidos e dirigentes.

Felizmente para nós a Comissão Administrativa anterior cuja administração representou para Espinho quatro longos anos de atrazo no seu desenvolvimento, porque a sua actuação foi de favoritismo e nunca de conciliação, só para agradar a amigos e compadres, começa agora a sentir o peso das suas responsabilidades, tudo nos levando a crer que serão chamados á barra dos tribunais para prestar contas da sua pernicioso administração.

E se, povo de Espinho, o palpitante escandalo da abusiva venda (?) dos terrenos pode servir para fazer comparações do mais que, escandalosamente se fez, esse te bastará para avaliar do quilate moral de tais edis.

Numa Comissão Administrativa, deve existir sempre, por parte dos seus componentes a precisa independencia de character para não subordinar a sua opinião á cubija de qualquer Sr. Manuel Joaquim! Se se tratava de uma immoralidade como está provado e demonstrado, deviam manifestar o seu desacordo!

Mas não! A Comissão Administrativa estava coacta. Embora composta de varios membros, um só, que ali nada fez — O Sr. Manuel Joaquim — e também parte dessa comissão, mas saiu, para poder exercer

cargo Di-plo-ma-ti-co (!!!) e chia todos subordinando-os á sua cubijosa vontade.

Dai nasceu todo o escandalo que temos vindo desenrolando aos olhos dos nossos leitores. Os assuntos que iam ser tratados nas varias sessões, preparavam-se na loja do Sr. Manuel Joaquim, que a vender panelas e chapéus de palha, comprando Espinho aos bocados. Depois, a coterie do imbecis que o rodeava, esfregava as mãos, e sorria de prazer ao saberem o dono, aquele que trazia pela arreata, se sentia satisfeito com aquela prova de consideração que, á custa de Espinho, lhe iam dar publicamente. São assim esses benemeritos amigos de Espinho.

Por este mesmo processo, ou pior ainda, foi que o Sr. Simões Pedro conseguiu construir um predio, com frente para os terrenos de que agora pretende apoderar-se, predio esse que consumiu grande parte da pedra destinada aos paredões que construídos deviam defender Espinho, da furiosa invasão do Mar.

Pena foi que, na devida altura lhe não tivesse succedido o que agora lhe está a succeder com os terrenos da beira mar, e que mesmo hoje, não haja quem, averiguando o caso, o obrigue a entregar a pedra que tão precisa era ali nos paredões, ou então que faça daquelle enorme cazarão, uma escola, um hospicio, ou coisa semelhante, destinada a classificar a piscatoria que o forte e piedosamente, não se gada por esse Mar ora que quilo ora traiçoeiro.

Chegou a hora de prestar contas a quem de direito, e para a Ex.^{ma} Comissão Administrativa actual, que veio chamar a si o pesado encargo de reconstituir o que durante quatro anos foi desbaratado, para essa comissão composta por distintos officiais do Exército Portuguez e por pessoas de comprovada idoneidade, apelamos para que não descure este assumpto de tão palpitante interesse, porque, Espinho, depois do que acaba de saber, não pode ficar na ignorancia do abuso cometido, tão grande é a sua gravidade.

Estamos certos de que postas a nú estas chagas de corrupção, Espinho ficará com provas edificantes para fazer os seus juizos.

Depois então, esses benemeritos de Espinho, deveriam ser azorragados ás portas do Municipio, como o foram outrora os vendilhões do Templo.

O idolo(?) quebrou-se! O Sr. Manoel... o super homem que...

Vendo passar... Sua Ex... alguns Mem... vida todos os... de Espin... e estant... elencias,

NG)

Parentesis não geografico...

Como se lembram, o nosso Gil Vicente tem, num dos seus autos, uma scena de boa intenção em que figuram Todo-o-Mundo e Ninguém, e cujo pensamento pode, sob certo aspecto, sintetizar-se no conhecido adágio: «Todo o mundo vê o argueiro no olho do visinho, e ninguém a tranca no seu».

Há nesta scena muito de pessimismo—dum pessimismo lirico, á maneira do Ecclesiastes; o que, de resto, não é senão natural, pois que o poeta-ourives foi, no fundo, sem embargo da sua fina observação e do seu genio dramatico, um lirico, como afinal o foram todos os nossos grandes escritores—como o são todos os portugueses...

(Tambem uma Geografia do Lirismo seria de aconselhar... E tambem, partindo da constancia do lirismo como característica da literatura—que o Dr. Fidelino de Figueiredo demonstrou—para a formação dum esboço psicologico da collectividade lusa, e investigando o dominio do lirismo em todos os departamentos da actividade nacional, se chegaria a bem interessantes conclusões no terreno da Politica, no da Economia...)

Ora não foi, sejam certos, porque esteja convencido de possuir, ou porque deseje exercitar, o espirito de coca-bichinhos dos descobridores de argueiros nos olhos de cada um, que o cronista adoptou o pseudónimo de João-Todo-o-Mundo...

Não, O motivo dele está antes em que *todo-o-mundo*—a multidão—é o que há de mais anonimo—e neste sentido corresponde a *ninguem*. De facto, o agrupamento absolutamente não hierarquizado nem individualizado é massa amorfa, indistinguível e vaga—matematicamente igual ao mais redondo zero...

Porisso João-Todo-o-Mundo é como se disséssemos João-Ninguém—com a diferença de que este ultimo é pseudónimo de autor bem mais illustre do que o destas pobres linhas.

Esta foi a intenção da escolha...

Mas o continente influe no conteúdo; os nomes peizam como um destino sobre as pessoas... (Acode-me a imagem daquele *Doctor Inverosimil*, de Gómez de la Serna, cujo método terapeutico consistia em subtrair os doentes á influencia das coisas que os rodeam;—um velho relógio, tic-tac, tic-tac, durante anos, pode ser a causa dum certo feitiço moral, como a dum desequilibrio de saúde fisica...)

E depois as palavras são traçoiras. Trazem as mais das vezes sobre o seu significado estrito, filológico, objectivo, um sentido humano, latente, mas que se apodera delas e alfinas as governa.

Foi o que aconteceu a Todo-o-Mundo. A sua significação de anonimato sobrepoz-se, talvez, (por culpa de Gil Vicente?) a de vasculhação de argueiros...

Daí que o cronista começasse de sentir certos pruridos criticos...

Ora nós não quizeramos invadir o dominio da critica, propriedade duma simpatica amiga...

—Eis razão porque abandonamos o pseudónimo, e sem elle—e sem criticar—voltamos, após o parentesis, á Geografia e a Espinho...

Voltamos—no proximo numero, que esta vai longa.

Gustavo de Freitas.

GAZETILHA

S. MARTINHO

Numa taberna, á beira dum caminho,
Uns cinco ou seis *maduros* atestados,
Que do *verde* gostavam, quanto a vinho,
Com copos continuados
Festejavam S. Martinho!

Isto—é sabido—quanto aos crentes, pois,
Dentre esses tais freguezes, cinco ou seis,
Deveriam de estar talvez uns dois
Que apenas de deus Baco eram fieis.

Mas todos se entendiam. Os primeiros
Copos que um *homem* bebe *sem sentir*,
São a descer; porem os derradeiros,
Não tendo espaço já, são a *subir*...

Uns litros, mais uns litros, e a malicia
Entende a sua teia; tudo berra...

Cá fora, um sol alegre, uma caricia,
Poalhava de oiro a terra!

Qual dentre todos ficará *juiz*?
Interrogava um deles, inflamado,
Vermelha já a ponta do nariz
E o olhar esgazeado.

—E's tú! —Eu não! —Tu é que és! *Talinho!*...
E todos protestavam á procura
De não se erguerem á *magistratura*
Do Tribunal do Vinho!

Uma aversão assim, (parece brincadeira!)
Por um *cargo* tão feliz,
Prova-se desta maneira:
—O *caso da feiticeira*
Não anima a ser *juiz*!

Z.

um pequeno interrogatorio
E' ou não é verdade que o Sr.
Manoel Joaquim se emporca-
lhou nessa historia da celebre
Pedreira?

—E'
E' ou não é verdade que tam-
bem, em tempos, foi chamado
á pedra, por não sabermos que
subrepticio consumo de luz ele-
ctrica?

E'
E' ou não é verdade que abu-
sando da amizade particular
de um industrial desta terra,
medrou á sua sombra com mani-
festo prejuizo do mesmo?

E'
E' ou não é verdade que a sua
avaresa o faz vegetar na vida,
arrastando-a sordidamente
como a arrosta?

E'
E' ou não é verdade que a
sua maneira de agir o tornam
considerado uma creatura ne-
fasta, não tendo dispendido,
nunca, na terra onde vive e
onde se fez gente... de algum
dinheiro,—um simples pataco
para o desenvolvimento do
mesmo?

E'
E' ou não é verdade que na
aquisição dos terrenos de que
temos tratado, prejudicou con-
sideravelmente Espinho, valen-
do-se, torpemente, de um torpe
favoritismo?

—E'
E' ou não é verdade que se
sente incapaz de lavar as suas
culpas com um gesto nobre,
restituindo voluntariamente
aquilo que ilegalmente adquiriu,
mas sim que o fará apenas
quando a justiça a tanto o
obrigar?

—E'
O homem a tudo respondeu
afirmativamente. A entrevista,
porem, prolongou-se, e, como,
felizmente, não dispomos de
muito espaço, no proximo nu-
mero daremos a sua continua-
ção...

Ninguém está contente com a sua sorte...

Leia-se este bocadinho, trans-
cripto de «O Primeiro de Ja-
neiro», de 15 deste mez,
Fig. da Foz, 12 de Novembro

O JOGO

A Camara Municipal officiou ao sr. Ministro do Interior, no sentido de ser compelida a Empreza do Casino Peninsular, concessionaria do exclusivo do jogo, a cumprir os encargos a que se obriga por força do decreto no 14.643, os quais consistem na construção de um hotel monumental, explanadas, etc., etc.

O Sr. Governador Civil do districto, secundou a instancia.

Segundo nos informam, a Camara e a Comissão de Iniciativa, não estão na disposição de colaborar com a cumplicidade do seu silencio, em semelhante estado de coisas, que só um proteccionismo inqualificavel abusivamente tem consentido. Assim, estas duas entidades, não largarão de mão o assunto, de capital importancia para a Figueira, emquanto ele não for resolvido de harmonia com o que a lei claramente estatue e os superiores interesses locais que a todos devem sobrepôr-se.

Confiemos pois.

Enquanto que, na Figueira da Foz, se torna necessario o emprego de medidas extremas para compellir a Empreza concessionaria de jogo a cumprir aquilo que a lei estatue, em Espinho dá-se exactamente o contrario: é a Empreza concessionaria que pede que a *deixem* dar cumprimento ao determinado por lei! Anda tudo ao contrario...

As Grandes Entrevistas

I

Com os Snrs. Manuel — Joaquim — Simões — Pedro

Disseram-nos ha dias:
—Que diabol! Vocês não largam o *homem*! Tomaram a capricho sacudi-lo e não o pouparam!

Estas trez frases, ditas assim, com o seu quê de criterioso e de censura, se não abalarão—o que seria impossivel—á opinião que faziamos dos Senhores Manuel—Joaquim—Simões—Pedro, fizeram-nos sentir que, entre todos aqueles que nos leem, alguns, de espirito mais parcial ou mais mediocre nos poderiam attribuir intuios diferentes daqueles que temos.

E como temos, tambem, muita vaidade das nossas pessoas e uma tranquillidade de consciencia que muita gente não gosa, dissemos para connosco:
—Não. Isto assim não está certo.

Se há quem nos faça justiça, tambem ha-de haver quem no-la negue, por mais que ella se evidencie.

Vamos, pois, a entrevistar o Réu, o réu do Tribunal em cujo mocho o fizemos sentar.

Depois uma volta pela Esplanada, enfiámos pela rua 19 e entramos no Bazar. Um caixeiro, que nos conhecia e que portanto, nos achou incapazes de ir em busca de qualquer pechincha, das muitas anunciadas pelo Sr. Manuel Joaquim, não nos atendeu com aquella solicitude que caracteriza os empregados de balcão.

Como por demais, interrogou-nos:

—O que deseja?
—Falar com o Sr. Manuel Joaquim.

Olhou-nos um tanto admirado, mas foi dar parte do nosso desejo.

O Sr. Manuel Joaquim saiu do interior, chegou-se ao mostrador e depois, de retribuir o nosso cumprimento, levando ligeiramente, a mão ao chapéu—o Sr. Manuel Joaquim usa chapéu dentro do balcão, como para demonstrar aos seus empregados que é, hoje, patrão da loja onde foi marçano—preguntou-nos, servindo-se da formula classica:

—Deseja alguma coisa?

—Sim Sr. Somos, como sabe, do «Jornal de Espinho». Ora, como não ignora tambem, o nosso jornal tem-no posto, a si em destaque, e, conquanto tudo quanto temos publicado seja a expressão maxima da verdade, o que é certo é que há muita gente que julga que nós, á falta de melhor assunto nos aproveitamos da sua discutida figura para dar um pouco de sal aos nossos escritos. Doenós essa injustiça, creia. E como não desejamos que uma suposição, por menos valiosa que seja, encubra aquilo que realmente é, tivemos esta ideia:
—Vir entrevista-lo!

O Sr. Manuel Joaquim que depois de ter dado tratos de polé ao bigode em manifesto nervosismo, esfregava as mãos naquelle seu inveterado habito que, uma vez, na «Gazeta», mereceu honras de artigo de fundo, como exemplo vivo da teoria de Freud,—lavando as mãos como Pilatos—exclamou:
—Estou ás suas ordens.
—Pois bem. Vamos sujeita-lo a

Por Espinho

Continuação da 2.ª pagina

O Castelo Sinistro da Pedreira, começa a desabar. Os bôbos começam a esboçar amargos sorrisos, ao verem que o seu *senhor* já não tem aquele poderio que supunham indestruictível. Vai começar a fazer-se justiça, e, não é de extranhar que amanhã, como a qualquer *cavalheiro de industria* vejamos tão prestantes cidadãos, amarrados ao poste da ignorancia, tendo gravado na testa o ferrête da sua infame conducta, desbaratando o patrimonio de Espinho.

Aguardaremos com impaciencia o destecho do escandalo, para, a nosso modo apreciar-mos depois as penas que devem caber a cada um.

E, enquanto aguardamos iremos seguindo de perto, todas as diligencias tendentes a pôr a claro não só este como muitos outros escandalos em que foi fertil a administração anterior.

S Ó A:

—Que o homem dos terrenos já *desaperta para a esquerda* attribuindo a culpa aos outros;

—Que uma destas tardes o *pastor* reuniu á sua volta, ao fundo da rua Dezenove, duas arvores e o homem da cabeça baixa;

—Que o nosso suplemento *cafu* como uma bomba, tirando as *catarratas* a muita gente;

—Que vão ser mandados retirar de um passeio da Avenida 8 uns postes de madeira que abusivamente o obstruem;

—Que conhecemos um amigo que não ficou muito satisfeito com a historia... da caução;

—Que o homem dos bigodes anda a apreender a jogar o *xadrez*;

—Que apesar de haver muito pano para mangas, hoje o não corta o

TESOIRA.

Tendo-nos sido solicitada pelos signatarios a publicação da "Carta Aberta," que segue, gostosamente o fazemos

Resposta á "Carta Aberta," inserida no semanário "O Povo de Ovar," em 30 de Outubro de 1930

Ao Ex.mo Snr. Presidente do Ministerio e aos Ex.mos Ministros do Governo Nacional

Há muito, Ex.mos Snrs., que um pequeno semanário, «O Povo de Ovar», vem agitando uma questão que, bem dispensava a sua escassa publicidade: *A desanexação da freguesia de Esmoriz do Concelho de Ovar e sua reanexação ao Concelho de Espinho.*

E dizemos dispensava, porque, tendo já por varias vezes o povo de Esmoriz, manifestado por uma maioria consciente e esmagadora, ao Governo da Republica a sua libérrima vontade e, estando o caso entregue ao esclarecido e recto espirito do Ex.mo Titular da Pasta do Interior, a intervenção do referido jornal só visa a estabelecer a confusão.

Nem nós tocariamos neste assunto, aguardando, confiados, na justiça da nossa causa, a sentença de tão competente juizo, se «O Povo de Ovar», pela pena do seu director, depois de por varias vezes e com honras de fundo ter feito as afirmações mais ousadas, em que não sabemos o que mais espanta se a série de falsidades ou o despudor e entono com que se engana a opinião num despreso completo pelas normas do jornalismo sério, não viesse reedita-las em Carta Aberta, endereçada ao Governo da Republica.

Não era já somente a opinião que se procurava enganar — a opinião formada por tal semanário não nos interessava — procurava-se levar a confusão até junto do poder.

Sendo assim, mister nos era entrar na liça, repondo as coisas no seu lugar, castigando o atrevimento, vingando a verdade.

A primeira grande mentira está no propositado desvirtuamento da questão, procurando reduzir a um simples incidente pessoal, o que é a vontade unânime duma freguesia. O bordão principal, sempre ferido é a irreductibilidade pessoal e o capricho de certos elementos de Esmoriz, falso bordão que faz desafinar toda a ordidura da argumentação do signatário.

Nada mais falso que dizer que os promotores do movimento, que para ele se sentiram impelidos pela opinião geral e pelo amor á sua terra, tenham alguma irreductibilidade pessoal com Ovar. E' gente nova... ainda não manchada pela politica, que teve a coragem de exteriorisar o que andava no pensamento, no desejo de todos, que, vendo que Esmoriz estava fora do ritmo do progresso que a Ditadura soube fomentar, tomaram sobre os seus ombros esta dura cruzada de redenção. Gente que nada pediu ainda para si, donde lhe vieram então as irreductibilidades pessoais?

O numero dos partidarios de Ovar, em Esmoriz — se é que tem algum de verdade — é tão diminuto que se conta á vontade pelos dedos das mãos.

Partidários de Ovar não é bem. Esses poucos, temem somente as vinganças que Ovar, comarca ainda, vai exercer, temem as contingências da mudança, ou então, temem somente pelos seus interesses, pensando talvez, como animal da fábula: Assim como assim, sempre é servir, que importa qual o Senhor?

Como se vem afirmar que a maioria do povo de Esmoriz, se alegrou, quando da injusta recondução a Ovar? Quem se alegrou? Se alguém houve, não teve sequer a coragem de o manifestar. Quem viesse então a Esmoriz veria a tristeza em muitos, o desespero e a revolta em tantos pela enormidade da injustiça, mas alegria quem a viu?

Alegria sim, quando fomos para Espinho, alegria tão esufiante e espontanea que o seu eco chegou certamente a Ovar.

Que despudor é preciso para afirmar o contrario!

Se a maioria da freguesia é por Ovar, onde está a reacção que o nosso movimento provocou?

Não houve pois uma só pessoa que não reconhecesse que a freguesia tinha razões de sobejo contra a sede do Concelho.

Fala o Snr. Nunes Branco nas influencias que movemos para alcançar o nosso intento. Influencias moveu Ovar para nos escravisar de novo e de tal ordem, que a numerosa comissão de Esmoriz que a Lisboa foi então, não conseguiu sequer ser recebida, deixando lá o seu veemente protesto contra tão grande injustiça firmado por muitas centenas de assinaturas.

Os atritos de Esmoriz com Ovar veem de longe. E' que Esmoriz — sabe-o o Snr. Nunes Branco muito bem, pois sempre militou no partido democrático — Esmoriz foi um baluarte que jamais traiu a causa conservadora e foi porisso mesmo, num dos concelhos mais democráticos de Portugal, um filho espúrio, odiado, esquecido.

Os agravos que por este motivo recebeu, nos longos anos de cativeiro, foram sem conta. Havia porem que resignar, pois a situação aparecia sem saídas. Mas descance, Snr. Nunes Branco, foram razões e não agravos o que Esmoriz levou junto do Ex.mo Snr. Ministro do Interior.

«Em que razão séria e imperiosa se baseia a reclamação», pergunta-se na Carta com entono? ainda que não sejamos obrigados a responder, á chamada, descance que abaixo achará a resposta. Ao director de «O Povo de Ovar» não convinha ouvir-nos, por isso respondeu por nós: «Capricho, irreductibilidades pessoais»... O desafinado bordão de sempre. Depois de assim responder em nossa vez e sem delegação, o Snr. Nunes Branco dá uns

conselhos ao Governo, que por certo lhos dispensa, e vai velejar a velas prenes, pelo mar das razões porque Esmoriz deve permanecer eternamente amarrado a Ovar. E quando nós, assustados, perguntavamos a nós mesmos como haveriamos de seguir, em tanta vastidão, por pego tão profundo, vemos que se trata afinal de um mar sêco de razões, mas emaranhado de palavras.

«Ovar trabalha, Ovar é grande», «Ovar é populoso, mais ainda do que a capital do distrito». «Ovar é a vila maior do distrito, uma das maiores de Portugal». «Ovar progride», «Ovar tem rendimentos seus, não precisa de ninguem». «Ovar tem melhoramentos, etc., etc., etc.

Ora que desilusão! Nós a pensar que as razões da nossa permanencia em Ovar, eram razões nossas, e são razões deles.

Sendo assim — não o pretendemos negar, nem nos roí a inveja — porque tanta relutancia, em que uma pobre migalhita, envergonhada de tanta grandeza, vá ajudar um Concelho mais pequeno? Se a sede se basta, se o Concelho é o maior, porque tanta dificuldade em ceder uma freguesia que não quer a honra de pertencer a um dos maiores Concelhos de Portugal?

Parece até proposito de oferecer o flanco a um cortesito!

Se a sede não deve, como diz o Sr. Nunes Branco, ser parasitaria das freguesias, como colhe o argumento de que sendo grande o centro, precisa de maior numero de freguesias? Talvez para distribuir por elas os seus rendimentos? Deve ser. Sendo Ovar tão rico, porque tem tanto susto em deixar partir esta pobresita que se não dá bem com o seu calor? A avareza fica mal a todos, mas aos opulentos...

Deve ser talvez apreensões pelo nosso futuro, longe duma casa tão farta. Agradecemos, mas dispensamos o tutor

Pede-se na Carta a que estamos respondendo, que um delegado do Governo vá extasiar-se perante a grandeza de Ovar, os seus recursos, os seus melhoramentos, para julgar se ha quem se lhe equipare (sic).

E então conclue «julguem V. Ex.as se Ovar, tem ou não tem razão para ser ampliado e outras terras para serem reduzidas».

Se o argumento colhe, Ovar começará a devorar os Concelhos limitrofes e... neste crescer não sabemos até onde irá.

Ora perdoe-nos, Snr. Nunes Branco, não seria mais justo pedir que o tal delegado — é uma questão de coerência democratica — fosse antes a Esmoriz auscultar a vontade do povo, ou melhor extasiar-se perante os melhoramentos que, em 50 anos a freguesia recebeu da sede do Concelho?

Isso não, porque seria expor o flanco ao golpe fatal.

Reedita-se na Carta a calúnia de que as segundas assinaturas — as primeiras foram por ocasião do infeliz regresso a Ovar — enviadas ao Ex.mo Snr. Ministro do Interior, foram acolhidas sob o falso pretexto de reparação de estradas.

Ora vejamos se tiramos as cataratas ao nosso opositor.

Não, caro Senhor, elas foram recolhidas, em folhas escritas duma só face e encimadas pela exposição do motivo da re-

presentação, escrito á máquina e expresso por estas palavras textuais: «... que visa a anexação da freguesia de Esmoriz ao Concelho de Espinho».

Mente quem disser o contrario.

Se alguma pessoa lhe repetiu o recado que lhe ensinamos — não convinha acirrar o ódio dos adversarios — que culpa temos de que fossem tão ingénuos que acreditassem? Não, não acreditaram, mas é preciso fingir que acreditaram.

Qual dos tais numerosos e categorizados amigos que Ovar conta em Esmoriz, lhe disse isso? Diga Snr. Nunes Branco, cartas na mesa? Nenhum.

Pois, se a pergunta habitual era esta: «Você por quem é, por Ovar ou por Espinho? Se soubessem que respostas ouvimos, poderia enriquecer o livio de honra da sede do Concelho.

Em que mundo vivemos? Julga-nos assim tão simples que fossemos para Lisboa com umas centenas de assinaturas, sem nenhuma especie de garantia.

Que ideia faz, Snr. Nunes Branco, da capacidade e consciencias das proprias responsabilidades do Ex.mo Snr. Ministro do Interior, se assim aceitou e teve por boas, assinaturas sem, como diz, nenhuma especie de garantia? Quando tal lhe caiu da pena, não estava decididamente nos seus momentos felizes.

As assinaturas que em columnas cerradas cobriam as numerosas folhas, são reputadas, alem disso, pelo Snr. Nunes Branco, como não sendo dos proprios. Não admira, pois se ele se visse obrigado a reconhecer-las como verdadeiras, para onde iria a difficil e fragil construção dos seus arrazoados?

Mas vejamos o motivo da má reputação das pobres assinaturas.

Eis a clava com que nos vai esmagar.

«E' que, diz, não foram reconhecidas pelo notário».

Pois bem, Snr. Nunes Branco, nós vamos confiar-lhe um segredo, um tanto á puridade e sobretudo muito desinteressadamente: As tais, mal reputadas assinaturas, foram apostas em folhas rubricadas e com o selo branco da entidade que o Ex.mo Snr. Ministro do Interior designou para fiscalizar o caso. E creia que se não descaidou do seu dever.

Ai os meus pecados, dirá V. Ex.a, se eu tal soubesse estava calado. Pois melhor fóra para V. Ex.a, que não faltava á verdade e para nós, que não teriamos é certo o gosto de saborear a sua suculenta prosa, mas não perderiamos tambem, o nosso rico tempo em lhe responder.

O director de «O Povo de Ovar» quiz fechar a sua carta, deixando-nos um rebuçado que agradeceríamos, se não duvidassemos da intenção, mas que nos não comove, por muito escaudados: «Sendo assim, deseja o povo de Ovar — temos sincera pena de que neste caso os seus desejos se não encontrem com os de Esmoriz — que aquela freguesia se mantenha na área do Concelho, dando-lhe a Camara todas as regalias e propondo-lhe todos os melhoramentos a que tem incontestavel direito, como uma dilecta das demais freguesias... «E' pena somente que tenhamos de

nos contentar com o magro allimento dos nossos direitos, ficando os melhoramentos em Ovar.

No entretanto já é para agradecer, que nos reconheçam os direitos.

Agora ao fecho venenoso da Carta:

«Normalizado o organismo administrativo, entregues os municipios e as paróquias civis aos legitimos representantes do povo, ficará aos habitantes de Esmoriz o direito de se pronunciarem querendo e escolher, etc.

Quer dizer: Deixe a Ditadura de fazer esta obra de justiça, porque, com o advento do partido em que Sua Ex.a milita, a coisa fica a seu cuidado.

Analísada sumariamente a Carta em questão, vamos ás razões que lhe prometemos. A primeira para S. Ex.a sempre coerente com os seus principios democraticos, deve ser a vontade do povo que é soberana. Para nós, ela só é soberana, quando pede o que é justo e recto. Esta razão, para V. Ex.a, Snr. director, decisiva, está da nossa parte. Como Esmoriz não está muito longe, ainda que para a sede do Concelho estivessemos sempre nós antípodas, pode facilmente verifica-lo. Cautela porem, não vão contar-lhe de novo a história das estradas, e se lho fizerem, creia que não é por mal.

Uma outra razão das que contam para nós, é a da distância. Esmoriz está ligada a Espinho por 4 1/2 quilómetros de estrada povoadissima, que se percorre em 3/4 de hora.

Triplicado aquele número, temos a distância que nos separa de Ovar: 2 1/2 horas de caminho, em grande parte por uma charneca deserta e perigosa. Ora aqui tem uma razão que nos parece de peso.

Quanto á facilidade de comunicação ferroviária, é questão de ver um horario da C. P.

Para ir a Ovar perde-se meio dia, e, se fôr preciso tratar de alguma coisa, o dia inteiro. Acresce a circumstancia de Ovar, com as suas grandezas e com o seu progresso, etc, não ter nem sequer um hotel de terceira ordem.

De Espinho, com ser pequeno, não pode dizer-se outro tanto: oferece comodidades a quem precise ocupar o tempo que lhe sobeje...

Em Ovar morre-se de tédio... a não ser que se queira ir até qualquer centro de cavaco, ouvir de gente de Ovar os elogios das pessoas gradas da terra.

E temos então os inumeros interesses comerciais que por serem conhecidos de todos não precisamos de inumerar aqui, afinidades geograficas, etc. Tudo razões fortes e já expostas a quem de direito para mostrar a justiça que nos assiste.

Aqui fica, pois, a nossa resposta.

Eis, Ex.mos Snrs. resumidamente a razão da freguezia de Esmoriz, esperando este povo que o Governo Nacional nos faça a justiça merecida.

Saude e Fraternidade

Esmoriz, 16 de Novembro de 1930.

Manuel Joaquim Pinto de Sá Ferreira
Lino Pereira Leça
Alexandre de Castro Soares
Alberto Sá de Oliveira
Antonio Ferreira Alves
Bernardino Coutinho
Antonio Dias da Costa (Candal)
Joaquim Pinto Ferreira
Adelino de Oliveira e Silva
Manuel Antonio Pinto de Castro
Manuel Dias da Costa Candal.

CORRESPONDENCIA DE ESMORIZ

Esta é a casa de meus pais e fostes vós que a poluíram.

Deparei hoje, aberto ao acaso sobre a secretaria dum amigo, um livro de Eça de Queiroz.

Li: «Jesus estava de pé, com as mãos cruzadas e frouxamente ligadas por uma corda que roja no chão. Um largo albornoz de lã grossa, em riscas pardas, orlado de franjas azuis, cobria-o até aos pés, calçados de sandalias já gastas pelo caminho do deserto e atadas com correias.»

Continuei a leitura e julguei interessante deduzir uma história imanada dos ensinamentos que nos deu Jesus, ora com resignação, ora com severidade — conforme mereça a ignorância dos que prevaricam.

«Mas eis que ha dias esse Rabbi de Galiléa aparece no templo, cheio de palavras de colera, ergue o bastão e arremessa-se sobre nós, — isto narrava um mercador — bradando que aquela «era a casa de seu pai e que nós a poluíamos!»

La vai a historia: — chegaram de longada, ou como se pudera dizer, das Terras de Santa Maria, uns humildes a entregar a um alto senhor os proventos das suas terras porque adonde iam, até ali, era tão longe e tão escabroso o caminho que apesar do sacrificio que faziam nem lhes souberam rogar, nem estimar como mereciam.

Povo humilde da beira mar, queimado pelo mesmo sol, batido pelas mesmas intemperies, achegava-se a quiles que pela indole, pela afinidade dos costumes tinham o sagrado dever de os aguardar com o carinho que se deve ao seu semelhante.

O alto senhor, o donatario, recebeu daqueles com alto apreço, juntamente com a ddiva, o coração bondoso. Foi magnanimo nas reverencias, eloquente nas promessas.

Os humildes sorriram de contentes e apressaram-se adorando a vida que prometia resplandecer, e lutaram com afan a desbravar o solo, pagando o tributo das terras na esperança de que um dia os filhos, orgulhosos da obra de seus pais, continuassem na mesma senda, honrando o suor do seu rosto.

Ajoujados, apegando-se á lida como escravos, todos os anos pousavam aos pés do seu novo senhor, como oferendas desvaliosas, as economias amealhadas durante o ano.

O monte deveria crescer, mas o monte minguava.

O alto senhor herdara o atavismo da indolencia: sentava-se no throno espaçando a vista por alto, ao redor da sua omnipotencia..

Para alem do remanso em que a fortuna o colocou só conseguia ver o ceu e as nuvens; e quando algumas vezes pensava descer do throno era simplesmente para deslassar os membros admirando de perto a grandeza dos seus palacios para não manchar as sandalias fóra do arrumamento dos jardins.

E os humildes de pé, sangrando as terras dia a dia, com as sandalias já gastas de virem depor as economias, por caminhos escabrosos, no cofre insondavel, aguardavam com an-

DESPORTO

FOOT-BALL

Domingo passado realizaram-se no Distrito os seguintes jogos:

Em Anta, o 2.º grupo do Sporting Club de Espinho venceu o Imperio F. Club por 2-1;

Em Ovar, a Associação D. Ovarense venceu o Sporting Club de Bustelo por 11-1;

Em S. João da Madeira, o Sanjoanense empatou por 2 bolas com o Atletico de Rio Tinto;

Em Oliveira de Azemeis, o Escola Livre venceu o Sporting de Albergaria por 4 a 0;

Em Agueda, o grupo reservas do Foot-Ball Club do Porto venceu o Recreio de Agueda por 6 a 1.

Vila da Feira, 12

Domingo passado visitou-nos o grupo reservas da Associação Desportiva Sanjoanense.

O encontro terminou com o resultado de 5 a 0 a favor do grupo visitante, resultado aliás muito duro para o grupo local, o que não é de extranhar visto a arbitragem ter sido confiada a um associado do grupo sanjoanense, o qual, segundo nos informaram, é o seu treinador, tendo prejudicado enormemente o grupo local e a ele se deve o resultado obtido.

Não podemos deixar de lamentar a forma pouco correcta como um elemento do grupo visitante se conduziu no final do jogo, chegando mesmo a dirigir-se á assistencia em termos improprios e pouca dignos, valendo-lhe a calma

cidade o alvor das promessas do senhor, contemplando ao mesmo tempo o albornoz de lã grossa, orlado de franjas azuis que de tanto conhecer a caminhada já mal resguardava o corpo desalentado.

De mãos cruzadas e frouxamente ligadas por uma corda que roja no chão, voltavam sempre pelo mesmo caminho com promessas enganadoras.

Mais um ano de trabalho insano.—Outro ano sobre muitos anos.—Subiram estenuados o calvario, bebendo o fel amargo da desilusão.

Os olhos de cima nunca desciam!

Depois de amargarem a ultima gota, um dia, esse povo humilde veio a terreiro baseado na liberdade democratica não professada mas escrita nas paginas do seu senhor; E, cheio de autoridade porque leu aquelas opiniões ergue o bastão e arremessa-se bradando sobre os mercadores. «Esta é a casa de meus pais e fostes vós que a poluíram.»

Merece o Humilde por defender o berço onde nasceu que lhe apontem o ergastulo como recompensa?!

Mas povo humilde—é esta a verdade—se do teu gesto voltares com as mãos cruzadas e ligadas com essa infame corda, sem conseguires despedaçá-la, lembra-te que abriste a vala aonde vais ser enterrado sem redenção.

O que vos resta fazer?!

Olhar pela vossa terra, escava-la. Se nela não encontrardes fruto do vosso suor a alicerçar obra digna (e vê-la!) levantar a voz unisona e clamorosa ao senhor do vosso tyrano, impetrando justiça sobre ele —

e a correcção da assistencia o não ter sofrido um dissabôr.

Chamamos a atenção do Club de S. João da Madeira para estes casos que só servem para desprestigiar o nome do seu Club, e sobretudo o nome da terra que representam.—C.

TIRO DE GUERRA

«Prova Cidade do Porto»

Organizada pela Sociedade de Tiro n.º 43 (Porto) realizou-se no passado domingo, na Carreira de Tiro de Espinho, a prova «Cidade do Porto», conseguindo reunir o bonito numero de 33 atiradores.

Esta prova que era disputada á distancia de 200 metros, sendo 5 tiros em cada posição, teve os seguintes resultados:

- 1.º Carlos Botelho, da S. T. 45 com 109 pontos;
- 2.º Alvaro Sanches, idem, com 104 pontos;
- 3.º Cap. Anibal Moraes, idem, com 102 pontos;
- 4.º Alberto Andressen, idem, com 100 pontos;
- 5.º José da Silva Martins, da S. T. 49 com 96 pontos.
- 6.º J. Ferreira, idem com 93 pontos.
- 7.º Tenente Neves Ferreira, da S. T. 45 com 85 pontos.
- 8.º Dr. Carlos Henriques, idem, com 85 pontos.
- 9.º Emidio Soeiro, da S. T. 49 com 85 pontos.
- 10.º Carlos Lopes, idem com 78 pontos.
- 11.º Americo Silva, idem com 77 pontos.

Cumpre-nos felicitar os concorrentes da nossa Sociedade porque, embora não produzissem tudo o que as suas forças lhes permitiam, ainda conseguiram arrancar 5 premios dos 11 que eram disputados.

porque um senhor tem outro senhor e sois vós que, sendo o ultimo sois o primeiro, porque o mais alto não se aguentaria de pé sem a base da vossa força.

—E depois?

—Unir-vos, pensar a serio na grandeza da vossa terra, porque o verdadeiro carinho é o dos pais e só eles sabem tratar os filhos como merecem,

P. S.—Ainda não resalvei outras faltas e omissões que por vezes teem deturpado os meus escritos, mas das do numero transato devo confessar que me sinto escandalizado. Por isso advirto os que me leem do seguinte:

Aonde se lê «Aceitaremos o «capciosamente» etc., antecede-lhe uma virgula e não um ponto. Aonde se lê «qualidade de consciencia» deverá ler-se «dualidade de consciencia.» E do resto os leitores facilmente corrigirão.

CARTEIRA

Aniversarios

FIZERAM ANOS:

Dia 8, o menino Fernando Victor, filho do Snr. Victor Francisco Pereira.

—Dia 9, a Ex.ma Senhora D. Emilia Braga.

—Dia 10, o Snr. Francisco de Castro Moura Soeiro.

—Dia 14, o Snr. Mario Pinto de Almeida.

—Dia 15, o Snr. Pedro Loureiro da Costa; a Ex.ma Senhora D. Maria Angelina Cancela Loureiro da Silva, esposa do Snr. Manuel Loureiro da Silva, empregado da Casa Brandão Gomes & C.a; e a interessante pequenina Maria Odete, filha do nosso querido amigo Snr. Francisco Lopes Guimarães.

FAZEM ANOS:

Hoje, a menina Maria Cydalise, filha do Snr. José de Sousa Almeida Francês.

—Amanhã, o Snr. João Pinto Guimarães; e a menina Joaninha, filha do Ex.mo Snr. Tenente Miranda Braga.

—Dia 18, o Snr. David Luiz de Figueiredo.

—Dia 19, o Snr. Joaquim Moreira da Costa, pai do nosso querido Editor Snr. Antonio Moreira da Costa.

—Dia 20, a Snr.a D. Elvira Campos Pinto de Almeida.

—Dia 23, o Snr. José Constante Pereira.

CHEGADAS E PARTIDAS

Partiu para Macieira de Cambra no dia 6 do corrente, o Ex.mo Snr. Dr. Joaquim Antonio Seixas e Família.

—De visita ao Ex.mo Snr. Antonio Fernandes e Família, esteve em Paços de Brandão o Snr. Ramiro de Magalhães e Ex.ma Esposa.

—Retirou para Alparça a Ex.ma Snr.a D. Maria Palmira de Melo Salvador Malhó da Costa e filhinho.

—Para o Porto retirou no dia 13 do corrente a Ex.ma Snr.a D. Conceição de Melo Menezes Teixeira Leite e filhos.

—Para a sua quinta de Gervide em Vila Nova de Gaia, a Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia Dias.

—De visita a seu irmão partiu para Ponte da Barca no dia 14, com demora de alguns dias, o Ex.mo Snr. Dr. Antonio de Azevedo Aitaide, Juiz do Tribunal do Comercio do Porto.

—Esteve nesta praia na passada quarta-feira, tendo já retirado para a sua casa de Lisboa, o nosso particular amigo Ex.mo Snr. Alberto Ribeiro Nogueira de Brito.

—Regressou a esta praia, na passada quinta-feira, da sua quinta de Sabrosa-Douro, o nosso particular amigo Ex.mo Snr. Dr. Manuel de Sá Azeredo, Esposa e Filho.

DOENTES:

Encontra-se gravemente enfermo, ha já bastante tempo no Hospital de Agueda, o Snr. Joaquim Moreira Vinhas.

—Tambem se encontra naquele Hospital, onde foi submetido a uma operação cirurgica, o nosso amigo Snr. Julio de Brito.

—Continuam doentes as meninas Camelia e Angelina, filhas do nosso assinante Snr. José Soares de Bastos, de Fiães-Feira, e irmãs do nosso amigo Snr. Avelino Soares Bastos, empregado da Casa Brandão Gomes & C.a.

—Tem passado bastante doente o menino Reinaldo Pinheiro, filhinho do nosso amigo Snr. Reinaldo Pinto Pinheiro, dignissimo professor primario em Fiães-Feira.

Correspondencia de ANTA

Como está anunciado realisam-se hoje as festas do padroeiro S. Martinho, as quais devem ter grande concorrência de forasteiros das vizinhas freguezias, que veem ouvir o grande orador sagrado, Abade de Paços de Brandão, e a missa cantada pela capela Neves, sob a direção do seu maestro Snr. Ilidio Neves.

Chamamos a atenção da Ex.ma Junta para a limpeza do adro e dos mictorios, que tão má impressão tem causado aos visitantes.

Encontram-se entre nós, na Idanha, os nossos conterraneos, Snrs. Antonio Gomes Moreira e Antonio Oliveira Coelho, que vieram de Africa afim de passarem as festas do Natal com suas familias.

Encontra-se bastante doente a Snr.a D. Ana Vieira da Silva, mãe do nosso amigo Snr. José Pinto de Rezende, muito digno regedor da freguezia.

Desejamos-lhe prontas melhoras.

No Carvalhal estão concluidas as colheitas do milho, reinando grande animação entre os lavradores deste logar, pois mediram uns alqueires a mais que no ano passado.—C

Sociedade Cooperativa de Espinho

De Consumo, Produção e Credito

(Responsabilidade Limitada)

Assembleia Geral

Convidam-se todos os dignos associados desta Cooperativa a comparecerem, na respectiva séde no dia 23 do corrente, pelas 14 horas, afim de se deliberar sobre a seguinte

Ordem do Dia

1.º-Leitura, e aprovação da acta da ultima Assenbleia Geral.

2.º- Proceder á eleição dos novos corpos gerentes para 1931.

3.º-Resolver o que julgar conveniente sobre qualquer assumpto que for julgado de interesse para esta Cooperativa.

4.º-Apreciar e resolver sobre algumas alterações dos nossos estatutos.

Espinho, 4 de Novembro de 1930

O Presidente da Assembleia Geral,

Luiz Soares

(N. B.) Caso não compareçam 50 ou mais associados (artigo 34.º dos nossos estatutos) fica desde já convocada nova assembleia geral para o dia 30 e á mesma hora, que se realizará no indicado local com qualquer numero de socios.

Correspondencia de SILVALDE

Passagens de Nivel

Vamos hoje iniciar a nossa cronica pedindo providencias a quem de direito para um caso grave que urge remediar, para de futuro não termos de registar algum desastre de lamentaveis consequencias.

Queremo-nos referir ás passagens de nivel de Silvalde.

São duas: a de Gulhe e a do Formal. Por ambas passam, diariamente inumeros veiculos e, só por obra do acaso, é que, já por várias vezes, não se teem dado desastres com automoveis e camionetes carregados de passageiros que, a consumarem-se, não seriam menos gra-

ves que os acontecidos há pouco tempo em Braga e na Curia.

Carteira

Aniversário

Na passada quarta-feira, dia 12, completou 20 primaveras a Ex.ma Snr.a D. Maria Eugenia Leça Monteiro de Menezes, esposa do nosso presado amigo Snr. Fernando Pinho de Menezes, agente das maquinas Singer desta localidade.

A' aniversariante os nossos parabens.

Doentes

Devido a uma pertinaz enfermidade encontra-se guardando o leito a veneranda Snr.a Maria Rodrigues Sabença sogra do nosso presado amigo e conterraneo Snr. Manuel Lopes Guimarães, acreditado comerciante da praça de Espinho.—C

Teatros e Cinemas

Cine - Jardim - Recreio

Esta casa de espectaculos apresenta-nos hoje a grande Super-Produção, em 12 partes

TARAKANOVA

Um dos grandes exitos cinematograficos.

Na proxima quinta-feira grande sessão cinematografica

FARMACIAS

Está de serviço, hoje, a Farmacia Central, na Rua 19.

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ABERTO TODOS OS DIAS DAS 14 AS 4 HORAS

DANIEL IGLESIAS

LANIFICIOS CHALES
- SEDAS E MODAS -

Especialidade em tecidos
de verão e de inverno
para casacos e vestidos
- - de senhora - -

RUA DESENOVE, 201
ESPINHO

CAFÉ DA PRAIA

CARLOS XABREGAS

Rua 19 — ESPINHO

Deposito das afamadas cervejas
PORTUGALIA

Preços de Lisboa e Porto

ESPINHO-PALACIO-CAFÉ

AVENIDA, 8

ESPINHO

Barbearia Apolinario

Corte de cabelo de senhoras

PERFUMARIAS

Rua 19

ESPINHO

FABRICA MECANICA DE FERRAGENS

COLCHÕES D'ARAME,
CAMAS, LAVATORIOS,
E OUTROS MOVEIS DE FERRO.

FUNDAÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

FOGÕES, FERROS DE BRUNIR,
COFRES, GUARDA JOIAS,
FOGAREIROS, GRADEAMENTOS, ETC.

CENTRO INDUSTRIAL DE FERRAGENS, L.P.A.

Endereço Postal: Riomeão-Paços de Brandão - Endereço Telegrafico: Centro-ferragens - Paços de Brandão

Riomeão
(Próximo a Espinho)

TABACARIA HAVANEZA

Dependência do GRANDE CASINO DE ESPINHO
A CARGO DE

Arlindo Lopes

Papelaria e artigos de escritorio

Avenida 8

ESPINHO

Oficina de Picheleiro, Funileiro

Reparações de bicicletas
(E SEUS ACESSORIOS)

DE
JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

RUA 31 N.º 374

ESPINHO



?
OMEGA



**GARAGE
BRANDÃO**

RUA 15—N.º

ESPINHO

Carros de luxo — Preços modicos

Chamadas a toda a hora

A MUNDIAL

Seguros contra todos os riscos

Unica em cauções

AGENCIA

Rua 4 N.º 666

ESPINHO

DEPOSITO
DE FRUCTAS

Luiza Nogueira

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Legumes das melhores qualidades

R. 16 n.º 24 - MERCADO - ESPINHO

Desenho de construções

J. D. Oliveira e Silva

ESPINHO

Antonio Lacerda

Camisaria

Alfaiataria

RUA 19 — ESPINHO

Tipografia Moreira

--- RUA 10 - N.º 813 ---

Alfaiataria Chic

Americo Ferreira do Couto

Rua 19 - 299 — Espinho

Moda e confecções para homens
e senhoras

CHAPELARIA

Deposito do calçado ATLAS

ANTONIO LAPA

Banheiro e negociante de pescados frescos
e salgados. Fornecedor de camarão e outros
mariscos para Portugal e estrangeiro.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

ESPINHO

RELOJOARIA NEVES "SOQUEIRO,,

Fundada em 1890
— DE —

FAUSTO NEVES & C.ª

RUA 19 — ESPINHO

Representantes da Companhia SINGER

Sortido completo em Relogios de bolso, em ouro, prata e aço.
Relogio de sala, de meza e despertadores. — Objectos em prata.

Deposito das machinas de costura SINGER

NOVIDADES MUSICAIS PARA PIANO

Agencia da Sociedade Auctores e Compositores Teatraes Portugueses

Casa Angelica

MODAS E MIUDEZAS
Rendas e bordados, sedas,
perfumarias, meias e piúgas

João da Silva Martins & F.ª

Rua Bandeira Coelho, 207

FABRICA DE MOVEIS ARTISTICOS

AVENIDA 8

ESPINHO

MOVEIS DE ESTYLO

Telefone, 48—ESPINHO

MOVEIS DE ARTE

DECORAÇÕES

VENDA DIRECTA AOS CLIENTES

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

SE FOR A LISBOA

VISITE O

BRISTOL

(DANCING)